

SENTIDO, SILÊNCIO E TRANSGRESSÃO: FORMAS DE SIGNIFICAR O MUNDO

Alexsandra Alves de Brito ©

RESUMO®

A partir da análise de aspectos socioculturais que se manifestam na obra literária, este trabalho tem como objetivo oferecer algumas reflexões sobre a forma de significar o mundo da personagem Joana, de *Perto do coração selvagem*. Interessa destacar o modo como a personagem de Clarice Lispector interage e percebe o mundo que a rodeia e a si própria. PALAVRAS-CHAVE: cultura, literatura, sentido

INTRODUÇÃO

Escrito na década de quarenta, quando mulheres ainda enfrentavam restrições para subverter o *status quo* e agir com autonomia, esse romance apresenta uma personagem que se encontra à frente de seu tempo. Os pensamentos e atitudes de Joana revelam um ser humano questionador, vibrante; uma mulher que anseia tocar o coração selvagem da vida. Quase não existem descrições físicas da personagem ao longo do texto, por outro lado, há uma riqueza de detalhes em relação aos seus mais profundos sentimentos: alegrias, inquietações, anseios e frustrações. Movimentando-se continuamente entre as várias fases da vida da personagem, o fluxo narrativo confere ao texto uma dinâmica e vitalidade ímpares, permitindo ao leitor acompanhar a trajetória de Joana da infância à vida adulta.

Perto do Coração Selvagem

Desde o início do romance, a personagem de Lispector demonstra um nível de consciência e de percepção extraordinários. O capítulo inicial exemplifica essa característica de Joana, apontando sua tentativa de captar a essência dos elementos e seres com os quais ela tem contato no dia a dia. Ainda pequena, a protagonista é uma criança com um desejo incomum de experimentar novas sensações e participar ativamente do fluxo da vida. Atenta a

tudo o que acontece a sua volta, Joana criança, é toda sensibilidade e intuição:

O que vai acontecer agora, agora, agora? E sempre, no pingo do tempo que vinha, nada acontecia se ela continuava a esperar o que ia acontecer (p.20).

A sinestesia é um traço marcante de sua personalidade. Esta anti-heroína que deseja “mastigar vermelho”, “morder estrelas”, “engolir fogo adocicado”, busca no corpo uma fonte inesgotável de conhecimento. Ao mesmo tempo que Joana procura dentro de si um animal perfeito, “repugnava-lhe deixar um dia esse animal solto”, ou seja, Joana às vezes vê-se dividida entre entregar-se à sede latente por uma vida intensa ou adequar-se às imposições sociais.

A ambivalência é uma característica recorrente da personagem que, muitas vezes, é movida por sensações contraditórias causadas por suas descobertas. A ‘mulher da voz’, por exemplo, causa inveja em Joana, outras vezes, desprezo. Ela percebe que essa mulher, “intumescida de vida” é mais feliz que ela, pois consegue adaptar-se passivamente à vida sem se questionar:

(...) a personalidade que ignora a si mesma realiza-se mais completamente. Verdade ou Mentira? Mas de certo modo vingara-se jogando sobre aquela mulher intumescida de vida seu pensamento frio e inteligente (p.90 e 91).

A morte do pai é um desses momentos em que se percebe a maneira insólita da personagem ler o mundo e produzir sentido. Na praia, sentindo o gosto salgado do mar, a temperatura morna da água, Joana sente alegria e sofrimento pela perda do pai, concluindo que o “o pai morrera como não se vê o fundo do mar (p.49)”. A partir dessa compreensão inusitada em relação à noção de

perda, Joana entrega-se às descobertas interiores. Essa alternância de sentimentos apresenta-se em forma de metáforas, ambivalências e paradoxos tais como “alegria quase horrível”, “alegria quase de chorar” e “apertamento e afrouxamento do corpo”.

Da combinação de emoções que se opõem, como dor e felicidade, atração e repulsa, surge uma linguagem distante da tradicional, bastante sensorial que faz com que a personagem não encontre palavras adequadas para traduzir seus sentimentos. A partir do cruzamento dessas sensações, a escrita se constrói de uma forma aparentemente ilógica, similar à transcrição de um sonho - marca inconfundível da literatura de Lispector conforme a crítica literária.

Como a narrativa tenta descrever a linguagem do corpo, a escrita torna-se inevitavelmente carregada de sensualidade:

“Por que surgem em mim essas sedes estranhas?...estou ajoelhada, nua como um animal, junto à cama, minha alma se desesperando como só o corpo de uma virgem pode se desesperar?” (p.78 e 79)

Através dessas sensações impetuosas Joana procura conhecer-se intimamente:

Naquele dia, na fazenda do tio, quando cai no rio. Antes estava fechada, opaca. Mas, quando me levantei, foi como se tivesse nascido da água. Saí molhada, a roupa colada à pele, os cabelos brilhantes, soltos. Qualquer coisa agitava-se em mim e era certamente meu corpo apenas... e isso era certamente minha alma também (p. 82 e 83).

O ritmo crescente dos seus devaneios, a inquietação gerada diante do mistério irrevelado de seu próprio ser, traz angústia à personagem que deseja descobrir-se por inteiro. Joana é uma mulher que espera mais da vida e se recusa a aceitar a rotina, o papel previsível adotado por tantas mulheres que a rodeiam. Com isso, ela acaba criando uma atmosfera de distanciamento das pessoas com as quais convive.

Observa-se que a maioria delas não é capaz de entendê-la. Quando Joana pega escondido um livro na livraria, provoca desconfiança e choque na tia. Confessando o ato sem demonstrar culpa, ela desafia regras

estabelecidas, num gesto que pode ser interpretado como um gesto de resistência aos mecanismos culturais. “Sim”, diz ela, “roubei porque quis. Só roubarei quando quiser. Não faz mal nenhum” (p.60).

Ao longo do texto, percebe-se ainda uma ênfase ao silêncio da personagem. Joana significa e aprende através do silêncio, desse modo, o silêncio de Joana é prenhe de significado. Ao falar sobre o silêncio fundador, Orlandi (2001:128), argumenta que ele deve ser visto como “um espaço diferencial que permite à linguagem significar”. O silêncio fundador é necessário aos sentidos, ou seja, sem silêncio fundador não haveria sentido e sim a linguagem incessante.

O silêncio da protagonista significa conhecimento porque ele conduz à aquisição de novos *insights* e opiniões sobre a vida. No entanto, algumas vezes Joana utiliza a política do silêncio como forma de se proteger de uma sociedade que não legitima suas práticas sociais. Joana somente sai desse silêncio quando “subitamente precisava por à prova seu poder, sentir a admiração das colegas com quem pouco falava... Do silêncio em que se escondia, saía para a luta” (162).

A ausência de linguagem incomoda tanto a tia quanto ao marido. “Mesmo aqui em casa, ela é sempre calada, como se não precisasse de ninguém... E quando olha é bem nos olhos, pisando a gente...”. Orlandi (2001), assinala que o indivíduo não suporta a ausência de palavras porque se torna difícil exercer seu controle e sua disciplina quando o silêncio não fala. O silêncio assusta porque não está disponível à visibilidade, não é diretamente observável. A teórica explica que no silêncio, sentido e sujeito se movem largamente.

Em *Perto do coração selvagem*, a construção da identidade da personagem depende desse silêncio que serve de mediador entre o seu pensamento, a linguagem e o mundo. Refletindo sobre questões culturais, Claire Kramsch (1998), explica que o fenômeno cultural deve ser visto como uma combinação de sons e silêncios, lugar de conflito, de afirmação do eu e de aceitação do outro. Dentro dessa ótica, Joana simboliza o indivíduo que, indo contra o saber oficial, cria estratégias de resistência às concepções culturais tradicionais e luta pelo

reconhecimento e legitimação de novas formas de sentido.

A força narrativa dessa obra onde os fatos perdem espaço para as dúvidas da alma, as inquietações do espírito e a necessidade urgente de tocar o coração selvagem das coisas, revela o desejo de Clarice Lispector de “pôr em palavras um mundo ininteligível e impalpável” como certa vez ela observou.

Com *Perto do Coração Selvagem*, sua obra de estréia, Lispector parece ter dado um profundo mergulho na existência, na medida em que procurou captar os seus mistérios, na fusão e ruptura entre o Eu e o Mundo através de uma linguagem que gerou estranhamento por parte da crítica literária. Na tentativa de adequar a linguagem ao conteúdo narrado, ou seja, às emoções, às intuições, ao inconsciente da personagem, a linguagem deste romance “traí a afirmação da natureza racional da prosa” como enfatizou Nádya Gotlib (1995:184) e, conseqüentemente, foge ao lugar comum.

No capítulo de encerramento, Joana continua sua aprendizagem através de reflexões sobre a vida e a morte que lhe apontam novas possibilidades de ser:

Naquela tarde já velha – um círculo de vida fechado, trabalho findo –, naquela tarde em que recebera o bilhete do homem escolhera um novo caminho. (...) Amava a sua escolha e a serenidade agora alisava-lhe o rosto, permitia vir a sua consciência momentos passados, mortos (...). Assim antes de morrer ligar-se-ia a infância pela nudez. Humilhar-se afinal. Como pisar-me bastante, como abrir-me para o mundo e para a morte?” (p.218-219).

O fim do relacionamento com o marido e o amante incentivam a protagonista a iniciar um novo ciclo de vida, estabelecendo um elo entre o passado, o presente e o futuro. Para romper com o círculo mítico da repetição, Joana precisa, na visão de Bole (1994:419) transformar-se, recriar-se para o mundo, e para isso, é preciso “uma maneira emancipada de lidar com o passado a partir das necessidades do presente”. A viagem rumo ao interior do seu ser representa a possibilidade de auto-afirmação que a personagem tanto anseia. O

fim do casamento de Joana é uma forma de libertação, de dizer não as regras sociais.

A medida em que a personagem se recria para o mundo através da marca da diferença, ou seja, através de uma forma diferente de significar e colocar-se no mundo, ela subverte os padrões delineados pelo seu contexto sociocultural, rompendo com os valores da cultura dominante e desafiando as relações de poder engendradas a partir dela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida sobre a personagem Joana, ajuda-nos a refletir sobre questões culturais, sobre o fenômeno cultural. A resistência que a personagem apresenta aos mecanismos sociais vigentes, seu modo diferente de ler e interpretar o mundo, corrobora a noção de que o fenômeno cultural está sujeito a interpretações múltiplas e divergentes pelos indivíduos que recebem e percebem esse fenômeno no transcurso de suas vidas. Do mesmo modo, através da leitura de *Perto do Coração Selvagem*, de Clarice Lispector, pôde-se perceber a tensão e o intercâmbio contínuos existentes entre elementos estéticos e elementos socioculturais os quais se espraiam no interior da obra literária.

Ao falar sobre sua personagem, Clarice Lispector observou que Joana é “um feixe vivo de possibilidades que se contradizem e anulam”. Desse modo, a narrativa finaliza sem conferir à personagem, um acabamento, uma vez que Joana exhibe o traço da multiplicidade, da divisão, do inconformismo, não se deixando definir facilmente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOLE, Willi. **Alegoria, imagens, tableau**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- GOTLIB, Nádya Batella. **Clarice: uma vida que se conta**. São Paulo: Ática, 1995.
- KRAMSCH, Claire. **Language and culture**. Oxford: Oxford University Press, 1998.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 4 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.
- SANTOS, Jeana Laura. **A estética da melancolia em Clarice Lispector**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2000.
- THOMPSON, John. **Ideology and modern culture**. Standford: Standford University, 1990.

NOTA

© Aluna do oitavo semestre do Curso de Letras, bolsista FIPE-UFSM do Projeto Representações Culturais nas Manifestações Literárias, coordenado pela Prof^ª. Dr^ª. Vera Lucia Lenz Vianna